

POUCO É TUDO QUE TE DAREI



*Pouco é tudo
que te darei*

Marco Severo



Este livro é dedicado à memória de
Flávio Moreira da Costa.



Prefiro o inferno do caos ao inferno da ordem
Wisława Szymborska

*O que era isso, que a desordem da vida
podia sempre mais do que a gente?*
Guimarães Rosa



- 15 TODO DIA É DIA DE CACHORRO LOUCO
- 17 MÃEZINHA
- 19 OS MALEFÍCIOS DO CIGARRO
- 21 SAUDADE
- 22 AS GORDAS
- 24 AS GUERRAS
- 25 DECISÃO
- 27 EM FAMÍLIA
- 30 OFERTÓRIO
- 31 PUREZA
- 32 O SOM DE DENTRO
- 35 DE PLENO ACORDO
- 37 PRATO CHEIO
- 40 AS CONSOLAÇÕES PERDIDAS
- 42 SÍSIFO
- 45 GALVÃO
- 47 ENCHENTE
- 48 GENEROSIDADE
- 50 REA(S)CENDER
- 52 O MENINO E O PEIXE – Uma fábula
- 56 PRECES ATENDIDAS
- 57 DECOR[AR]
- 58 O ENTORNO É SELVA

62	RUÍNAS
63	OPORTUNIDADE
65	IN MEMORIAM
67	NOSSO SANGUE PURULENTO
68	BÁLSAMO
70	RESPIRAR
73	CONFISSÃO
76	INSTANTE-TUDO
78	À FRANCESA
79	MARTA E A FELICIDADE
81	OBSERVADOR
83	BRASIL
85	PARAÍSO
90	CLASSIFICADOS
91	FOMES
93	POLÍTICA
95	ACORDO
97	EXPLOSÃO
99	PREMONIÇÃO
100	AUTOFAGIA
103	O QUE OLHAR E O QUE VER
107	O CAMINHO SE FAZ
111	DESESPERO

- 112 LUGAR NENHUM
- 117 A FILA
- 119 LIXÃO
- 122 ESTADO DE NERVOS
- 123 INTIMIDADE
- 125 CHEGADA
- 126 VOLTAR
- 128 AS VISITAS
- 131 PERUZINHO
- 133 LIMITE
- 135 JOANINHA, DO SIGNO DE PEIXES
- 138 MENSAGEM NO CELULAR
- 139 BRINCADEIRA DE CRIANÇA
- 140 ESCOLHAS
- 142 A LAGARTIXA DESCOLADA
- 143 DE SAÍDA
- 144 NAVEGAR PARA A MARGEM
- 147 FRALDINHAS
- 150 O AROMA DO AMOR
- 154 ENTARDECER
- 157 MODERNINHA
- 158 O TERRORISTA QUE ESCREVIA
CARTAS DE AMOR

- 160 VULCÃO
- 164 TERAPIA DO GATO
- 165 O BOM CIDADÃO
- 168 PARA CONSEGUIR O QUE SE QUER
- 170 GORDINHA, DE BICICLETA
- 174 SÓ MAIS UM
- 179 SANGUE DO MEU SANGUE
- 183 ALÍVIO
- 184 COLO DE VÔ
- 186 PREOCUPAÇÕES DA VIDA DOMÉSTICA
- 189 EVOLUÇÃO ESPIRITUAL
- 190 SIGNOS
- 192 PRIORIDADES
- 194 OS ANÔNIMOS FELIZES
- 195 EM NOME DO PAI
- 199 PARA ONDE VÃO OS QUE NÃO
CHORAM NAS DESPEDIDAS?
- 202 SURPRESA
- 203 DOMINGO
- 205 PRAZER
- 207 EXÍLIO
- 209 CASA NA PRAIA
- 211 AMORZINHO

- 214 RECOMEÇAR
- 218 DEPOIS DO FIM
- 220 SORTE
- 222 ATEMPORAL
- 223 PERGUNTAS
- 224 DESPEDIDA
- 226 FAXINA
- 229 PARA TODOS OS HOMENS EM
QUEM JÁ DEI GHOSTING
- 233 VÃO-SE OS DEDOS
- 237 DIZER ADEUS E SEGUIR EM FRENTE



TUDO DIA É DIA DE CACHORRO LOUCO

Saí de casa cedo pra causar mas não arruinei a vida de ninguém. No que dependesse só de mim, aparentemente todas as famílias iriam dormir felizes àquela noite. Eu me divertia pra caralho lendo os jornais. Aprendi a ler muito tarde, já tinha mais de trinta quando me convenceram a participar de um programa de alfabetização do governo do estado. Cada semana de aula era um dia a menos na prisão. Juntando isso com meu bom comportamento e com a peleja desses advogados doidos por dinheiro para conseguir um habeas corpus, me liberaram em poucos anos. Desde então, minha diversão era ver meu nome nos jornais, ou o nome da minha facção botando fogo no circo e vendo a população ficar desesperada. Voltei à ativa eliminando meus inimigos, depois, comecei a criar motivo pra eliminar quem eu quisesse. Matei uma jornalista porque escreveu meu nome errado no jornal, matei um vendedor de pastel porque não me avisou que a porra do pastel tinha azeitona com caroço. Onde já se viu não tirar um caroço daqueles, que pode engasgar uma criança ou quebrar os dentes do cidadão de bem? Pra cada um, três tiros na cabeça, eu sempre mato com tiro na cabeça, e sempre três, pra não ter perigo de deixar o sujeito vivo, vegetando e dando trabalho pros outros. Se é pra arrancar o espinhaço eu arranco logo com tudo.

Era mais de meia-noite quando eu avistei de longe um carro parado no semáforo num cruzamento deserto, esperando pacientemente que a luz vermelha se tornasse verde. Parei o meu carro ao lado do dele, baixei o vidro,

buzinei de leve e fiz com a mão o gesto pra o motorista baixar o vidro também, com um sorriso que eu esperava que ele visse e o encorajasse a querer saber o que eu tinha a dizer. Esqueci de dizer que assim que eu saí da cadeia fiz um tratamento nos dentes. Eu tenho o maior orgulho de ter dentes bonitos. O motorista, um homem jovem de uns trinta e poucos anos, bombadinho, desses que se acham eternos, baixou o vidro e disse, Oi? Cara, não fique parado uma hora dessas no semáforo. Essa região aqui é um perigo, eu falei. É mesmo, né?, ele disse, com um sorriso imbecil típico desses parvos que não sabem pra que vieram ao mundo. É, eu respondi, levantando a minha arma e dando três tiros nas fuças dele. O carro ficou lá, vendo o sinal abrir e fechar infinitas vezes.

O semáforo ficou verde. Antes de seguir, me certifiquei de que nenhum maluco estava cruzando o sinal vermelho a 100 por hora. A gente nunca sabe que tipo de louco está atrás do volante.

MÃEZINHA

Quando meu irmão morreu minha mãe não se importou. Já andava olhando pro chão desde o tempo que nosso pai foi embora, aí o Pedrinho morreu e quem pareceu ir embora de vez foi ela. Mas não chorava, não dizia nenhuma palavra; aliás até dizia, Tô bem, me deixa, era o que eu ouvia toda vez que chegava perto. Mamãe sempre foi assim, vestida para dentro, não se via um remendo seu, um cerzido, uma costura sequer em sua pele. As cicatrizes ela guardava todas dentro. Era o medo de se mostrar vulnerável pros outros. Lembro quando ela me contou que teve que cuidar de doze irmãos sozinha. Quem faz papel de pai e mãe não dobra o joelho nem na igreja, meu filho, foi o que ela me disse aparentemente do nada, quando um dia eu a vi parada diante do espelho como se não se reconhecesse e fiquei lá, ao lado dela, com vontade de abraçá-la pela cintura mas com medo de ser rejeitado. Achei melhor não. Um dia antes eu a tinha visto no quintal, curvada sobre o tanque. Era tanta água e tanta roupa, e ela batendo aquela enormidade de panos para ver se a sujeira saía, esfregando as mãos calejadas nos tecidos debaixo d'água. Eu tinha vindo perguntar sobre o almoço e minha mãezinha naquele esforço todo, os olhos marejados que ela tentou esconder, O que foi, minha mãe? Fazia uma semana que Pedrinho tinha morrido e parecia que só agora. Só agora fazia sentido. Ela ficou em silêncio e eu entendi que seu silêncio era a minha porta de saída. Então, no dia do espelho ela soltou aquela frase, como se finalmente me respondesse. E onde estão esses tios e tias, ainda assim perguntei.

Debaixo da terra, todos. De que adiantava nascer, crescer, passar por dificuldade, criar todos os irmãos e depois vê-los todos morrer, marido fugir, filho morrer também?

No enterro do Pedrinho ainda dava pra ver as marcas das balas no pescoço, na cabeça, apesar da maquiagem. E ela lá, parada, como se nem fosse filho dela. Eu, não. Era meu irmão e eu sabia, por isso chorei. Sempre fui de chorar sem medo, nunca escondi de ninguém o meu sentir, que até hoje é solto pelo mundo.

Depois minha mãe arranhou emprego cavando poços. No começo não queriam aceitá-la mas depois viram que a mulher dava conta do serviço melhor do que muito homem. Por lá, arranhou uma doença no pulmão e, antes de morrer, deitada na cama, em casa, a respiração um fiapo, olhou pra mim levantando o pescoço e disse, Você está tão grande, Juninho, nem parece o bebezinho que um dia esteve dentro de mim. Eu sorri, meio sem saber se deveria dizer alguma coisa. Diante da minha mudez, ela juntou sua última força e coragem e disse, Quando eu me for, chore por mim, meu filho. Chore todas as lágrimas que a vida não me deixou chorar.

Não se desobedece o pedido de uma mãe.

OS MALEFÍCIOS DO CIGARRO

Papai morreu por causa do cigarro, sua grande paixão. Dizia com um certo orgulho que havia colocado o primeiro cigarro na boca aos 14 anos e que, desde então, nunca deixara de fumar. Não faço ideia de como ele conseguira enganar a vovó com o cheiro na roupa, ainda mais naquele tempo, mas eu acreditava nele.

Toda semana ele viajava para uma cidade a quase cem quilômetros de onde morávamos para adquirir direto com o produtor os cigarros artesanais que tanto gostava de fumar. Viajava sozinho porque um prazer adicional que ele tinha era fumar com os vidros do carro fechados, dentro do ar-condicionado, e não tinha quem aguentasse ficar sufocado com ele naquele fedor.

O que soubemos foi que ele baixou o vidro do carro na estrada, na volta, para jogar a guimba pela janela. Foi nessa hora que entrou um pombo trazido pelo vento. Na tentativa de expulsar o pássaro agitado de dentro do carro, ele perdeu a direção, saiu da estrada por muitos metros e bateu numa árvore. Morreu na hora.

No velório, a irmã do papai nos contou que as marcas em seu rosto foram feitas pelo bico e pelos pés do animal em confronto com ele, que aparentemente, num gesto automático, havia apertado o botão para fechar a janela. Também nos disse que, a julgar pelo corpo estraçalhado do pássaro, papai havia morrido lutando.

Não pude deixar de pensar que era um comportamento típico de meu pai. À menor contrariedade, era como ele reagia. Também observei que o rosto dele estava muito pa-

recido com a forma que ele deixava o de minha mãe depois das brigas, ou o da minha irmã mais nova, que era muda.

Voltei para casa assim que vi seu corpo ser enterrado. Não queria ver nenhuma cerimônia, só queria me certificar que ele estava mesmo indo para debaixo do chão.

Às vezes, só às vezes, a vida é justa.

SAUDADE

Quando o sono caiu sobre seus olhos, foi para o quarto, vestiu sua roupa de dormir e ajeitou os dois travesseiros lado a lado, como fizera por mais de quarenta anos e como continuava a fazer. Deitou-se do seu lado da cama, como se o marido ainda fosse chegar. Apagou a luz amarela da cabeceira. Dormiu sozinha. Sonhou-se acompanhada.

AS GORDAS

Thomas foi batizado com esse nome porque sua sonoridade lembra a do verbo tomar: beber da vida, do presente de Deus que era estar vivo, tomar do cálice divino. Quando as mulheres começaram a desaparecer e reaparecerem mortas, inicialmente ninguém se deu conta do *modus operandi* que as ligava, nem a polícia. Até que, a partir da quarta assassinada, ele começou a retalhar com precisão partes das coxas onde ficava a gordura e deixava os pedaços cheios de partes amarelas ao lado do corpo.

Houve um frenesi. Não se emagrecia mais para ficar bonita para o verão ou qualquer dessas tolices mercadológicas, emagrecer para as mulheres era agora uma questão de manterem-se vivas. Nunca se receitou tanto comprimido pra moderação de apetite, nunca se vendeu tanto Herbalife, nunca se furaram tanto com Ozempic. Enquanto isso, os corpos iam se empilhando, qualquer solução parecia estar longe. Em minha casa, eu disse a mulher, Fecha a tua boca, Alzenira, que eu não nasci pra ficar viúvo. Ela só riu, desde o casamento minha mulher não aumentara um só quilo, às vezes eu brincava, chamando-a de tísica. Depois disse, Ainda bem que só mulheres estão morrendo. Já pensou o que seria de você com essa sua barriga e seus pneuzinhos?

O assassino demorou, mas começou a cometer erros: deixar bilhetes escritos à mão junto aos corpos nus das mulheres que matava. Os jornais os publicavam, e eu via aquele ódio misógino, certo de que havia ali uma pessoa com sérios problemas, alguém que precisava de ajuda.

Vendo o desespero tomar conta da cidade, um dia entrei no quarto do meu filho para falar com ele e vi, por acaso, pedaços de papel recortados do mesmo tamanho e com palavras escritas do mesmo jeito dos que eu via no jornal: “num mundo com quase oito bilhões de pessoas, quem essas mulheres são para achar que têm o direito de comer além da conta?”, “Obesas comem mais do que devem enquanto milhares estão pelas ruas dessa cidade sem ter como fazer uma só refeição”. Uma a uma, as mensagens iam todas nesse caminho. Esperei que ele saísse do banheiro, se enxugasse, então dei dois tiros na cabeça dele, juntei os papéis, os cadernos e o computador dele e queimei tudo no quintal. Em seguida abri uma cova e o coloquei lá, junto com seus pertences carbonizados. Depois disso, os assassinatos pararam. A polícia nunca deu nenhuma declaração detalhada, apenas disse que a situação estava resolvida. Estava resolvida porque meu filho estava morto.

Voltei a usar a mesa do quarto de Thomas, como sempre fazia quando ele não estava em casa. Tão bom escrever à mão, sossegadamente. Praticamente ninguém mais no mundo sabe o que é fazer isso. Eu sei.

Uma vez por ano eu vou ao quintal e desenterro o Thomas. Pego os ossos e fico brincando com eles no colo. Me dá uma tristeza, uma pena. Tão magrinho, o meu filho.

AS GUERRAS

Mussolini acabara de arrastar a Itália para a guerra, fazendo com que o país mergulhasse numa tensão em que homens e mulheres já não podiam – não conseguiam – viver como se a vida pudesse retroagir.

O alarme aéreo soou em San Remo pela primeira vez naquele junho de 1940. Um avião francês sobrevoou a cidade. As pessoas correram, na tentativa de se proteger, mas onde? Como se resguardar das bombas que eles diziam ter e que poderiam matar centenas de pessoas com um único toque?

Por um motivo que nunca ficou claro, o aparelho francês passou sem causar estragos. Na noite daquele mesmo dia, no entanto, a sirene voltou a ser ouvida. Cada uma das pessoas da cidade pôde ouvir também, no breu no qual estavam instaladas, pois já não havia mais energia elétrica, o barulho de uma explosão. Era um som seco e distante, como se dentro de um sonho.

Cesare acordou sobressaltado de um cochilo e correu para a cozinha, onde achava que encontraria a mãe. No escuro, bateu as paredes de sua casa mais para se equilibrar, ainda não estava certo do que tinha ouvido, mas sentia medo e o medo o desconfigurava. Não ouviu a mãe, mas viu o fogareiro aceso e intuiu que ela estivesse na frente do fogão a lenha. Mamma, mamma!, gritou, na esperança de que seu corpo surgisse na escuridão e o agarrasse pelo braço. Parecia que nunca, em seus quase sete anos de vida, ele precisara tanto se sentir seguro. Mamma!, disse mais uma vez, e correu para onde a chama do fogo estava. Mal teve tempo de pensar em algo quando o imenso caldeirão de água fervendo caiu sobre ele.

O menino foi a única vítima daquele bombardeio.

DECISÃO

Depois de muita conversa consigo mesma dona Aurora decidiu que ia finalmente ao encontro da filha. Não conversava mais com Deus. Do que adiantou tanta reza, tanto terço tirado sozinha ou com as amigas, se no fim das contas Ele havia levado Nara embora?

Acordou cedo, explicou suas razões em dez linhas – menos, havia rabiscado algumas palavras –, retirou do pescoço o cordão que ganhara do genro, a aliança de casada que ainda usava mesmo tantos anos depois da morte de Norberto, depositou tudo sobre o bilhete que havia escrito, pegou o carro e saiu em direção ao morro de Santa Terezinha, onde planejava tocar fogo ao seu corpo e acelerar morro abaixo. Se não morresse de um jeito, morreria do outro, a ideia era não ter como escapar.

Ao chegar na parte mais alta onde seu carro podia ter acesso, retirou o álcool e os fósforos da sacola onde os havia metido e, antes de banhar-se no líquido e riscar o palito, desejou contemplar uma última vez a vista da cidade onde fora tão alegre e tão triste, onde vivera suas maiores alegrias – amigos, o nascimento da filha, um casamento feliz – e o mais triste: quando sua filha fora morta por um meliante que lhe assaltara numa bicicleta, e que depois descobriu-se que morava justamente naquele morro. Dona Aurora soube que o homem, com várias passagens na polícia, havia sido solto para responder em liberdade. Então ali, enquanto contemplava a imensidão da cidade onde morava, dona Aurora reconsiderou: iria sim ao encontro de Nara, mas só depois que sua morte encontrasse uma

mínima paz na justiça. Entrou de volta no carro, jogou a sacola que estava ao seu lado para o banco de trás, deu a partida e saiu.

Na primeira curva que fez, viu um homem jovem numa bicicleta. Isso é um sinal, pensou. E vou fazer o que precisa ser feito. Acelerou o carro o mais que pôde. Alguém gritou para o homem, tentando avisá-lo do carro indo em sua direção. Mal deu tempo dele gritar, dona Aurora atingiu homem e bicicleta. Com o impacto, a bicicleta atravessou o para-brisa, e o guidão entrou direto no olho esquerdo da mulher, passando reto até o outro lado de seu crânio.

Estava agora ao lado de Nara, e ainda por cima vingada.